



A fotografia no jornalismo científico: o posicionamento dos portais sergipanos Infonet e Emsergipe.com¹

Andreza Lisboa da SILVA²

Rodrigo Michell dos Santos ARAUJO³

Maria Beatriz COLUCCI⁴

Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, SE

RESUMO

Este artigo constitui-se como desdobramento de uma pesquisa anteriormente realizada pelo grupo de pesquisa Pibic “Ciência na Mídia”. A fotografia na divulgação da ciência e tecnologia é objeto de estudo do projeto que pretende analisar como a mídia sergipana, especialmente os dois principais portais de conteúdo da internet do Estado de Sergipe – Infonet e Emsergipe.com –, trabalha o material de conteúdo científico publicado, considerando tanto a questão textual quanto a questão imagética. Para isso, realizou-se a aplicação de questionários, junto aos editores dos portais, com o intuito de compreender o posicionamento dos veículos jornalísticos frente à utilização da relação fotografia e texto científico.

PALAVRAS-CHAVE: Fotografia, jornalismo científico, portais de conteúdo, Sergipe

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho toma por base a fotografia, discutindo seu papel na divulgação de conteúdos científicos e tecnológicos, onde imagem e texto se complementam. Assim, fundamenta-se na importância da fotografia no jornalismo científico, sendo ainda um desdobramento de pesquisa realizada anteriormente acerca da observação das imagens fotográficas veiculadas na mídia sergipana. Como parte dos procedimentos metodológicos, foram utilizadas entrevistas com os editores dos portais Infonet e Emsergipe.com, e, pelo discurso dos editores, fundamentamos que, assim como o

¹ Trabalho apresentado na Divisão Temática de Jornalismo, da Intercom Júnior – Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Estudante de Graduação 7º semestre do Curso de Comunicação Social - Jornalismo da UFS, Email: drecas.slv@gmail.com

³ Estudante de Graduação 2º semestre do Curso de Comunicação Social - Jornalismo da UFS, Email: rodrigo.literatura@yahoo.com.br

⁴ Orientadora do trabalho. Professora adjunta do Departamento de Comunicação Social da UFS. Email: bcolucci@uol.com.br



jornalismo científico “deve procurar ser atrativo a quem o lê” (SILVA, 2003, p.39), a fotografia deve antecipá-lo, imaginá-lo.

Tomamos como *corpus* desse trabalho as potencialidades da imagem fotográfica frente ao texto científico para, a partir do ponto de vista dos editores, cartografarmos a manifestação e utilização da fotografia na esfera científica. Para isso, no primeiro subitem situaremos o jornalismo científico no contexto, desmistificando alguns conceitos referentes à divulgação de ciência e tecnologia, para estruturar a fotografia como codificadora da realidade, antecipando o signo verbal. Assim, recorreremos ao discurso fotográfico calcado em alguns dos principais pensadores da imagem fotográfica, aproximando-a ao texto, observando como se manifesta o encontro arte/ciência e quais os resultados desse encontro. Justificamos que, diante do objeto, a fotografia no jornalismo traz sempre impressa em si seu referente, justificativa que só poderá ser mediada à luz da semiótica peirceana.

Traçados tais campos, o segundo subitem parte diretamente para questionamentos voltados aos portais sergipanos, como se dá o critério de seleção das fotografias nas matérias científicas, como os editores veem a importância do diálogo imagem/texto e como eles contextualizam essas imagens com a matéria. A partir das respostas indicadas pelos veículos, é possível compreender tanto a forma como eles enxergam a relação da fotografia e conteúdo textual, quanto apresentar um breve panorama da prática do fotojornalismo encontrada nos dois maiores portais de conteúdo de Sergipe.

2 A LINGUAGEM IMAGÉTICA NA DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA

O campo da comunicação, ligado à área de ciência e tecnologia, assume diversas nomenclaturas que, muitas vezes, são confundidas e apontadas como sinônimos. Alguns termos, como ‘comunicação científica’, ‘divulgação científica’, ‘disseminação científica’ e até ‘jornalismo científico’, são costumeiramente apontados como conceitos semelhantes, tanto por apresentarem finalidades parecidas, quanto por não exprimirem delimitações totalmente claras. Afinal, mesmo que haja sutis diferenças entre estes termos, cada uma destas atividades está entrelaçada no que se refere ao seu propósito principal: a transmissão do conhecimento científico a um público não-especializado.

O jornalismo científico deve seguir as regras estilísticas do jornalismo atual, com uso do *lead*, pirâmide invertida, responsabilidade ética perante as fontes, fidelidade



aos fatos, imagens e ilustrações de apoio e outros atributos. Segundo Tatiana Baptista (2003), o seu formato deve trazer uma linguagem simples e compreensível, com o objetivo de traduzir textos técnicos e científicos para o maior número de pessoas possíveis, a partir de critérios jornalísticos. A tradução da ciência no jornalismo científico é um dos grandes desafios de jornalistas e profissionais dos meios de comunicação.

Se o papel da ciência é entendido como descoberta de conhecimento sobre a natureza, o homem e a sociedade, cabe ao jornalismo científico divulgar e apresentar, mesmo que ainda a um público reduzido, informações acerca do assunto. Para isso, o profissional deve se munir de estratégias que facilitem a prática da divulgação científica. Nesse sentido, a linguagem fotográfica contribui para o trabalho de tradução da linguagem textual científica, à medida que ela consegue exemplificar o objeto estudado por meio de imagens, além de conferir maior credibilidade ao tema pesquisado, devido ao seu alto poder de objetividade.

A ciência, como busca de entendimento da realidade, baseia seus métodos, *grosso modo*, em observar e anotar o que se vê ou o que se pode, de alguma forma, ser medido e calculado, visando estipular seus modelos e suas regras. Nesse sentido, a fotografia surge como uma prática extremamente útil quando há a necessidade de demonstração do objeto de estudo e seu uso é constante e em larga escala como forma de apoio às diversas esferas da pesquisa. Este apoio se dá através da inegável objetividade presente nas fotografias, (...) e que potencialmente, podem atender aos rigores e critérios que necessariamente são fundamentais para garantir a credibilidade do tema pesquisado. (SOUZA e SILVA, 2007, P.435)

2.1 O discurso fotográfico

Se levarmos às últimas consequências o fato de que o mundo é bombardeado por imagens e que a realidade é e sempre foi interpretada por meio de informações fornecidas por imagens, podemos, partindo da semiótica peirceana, problematizar nossa compreensão acerca da realidade. Para o filósofo e matemático norte-americano Charles Sanders Peirce (2008), o mundo é povoado por signos, sendo o próprio homem um signo. Signo, para Peirce, é tudo aquilo que representa alguma coisa para alguém, “representa esse objeto não em todos os seus aspectos, mas com referência a um tipo de ideia” (PEIRCE, 2008, p.46), para que, assim, um signo sempre dê origem a outro signo.

Se é na trilha do estruturalismo que Susan Sontag (2004) concebe a fotografia como uma fatia do tempo, fragmento do mundo, eternizando-o na imagem, é a voz de Roland Barthes (1984) que se partirá na busca pelo *eidos* (natureza) da fotografia, ao teorizar os dois temas cruciais de sua obra *A Câmara Clara* (1984): *studium* e *punctum* da fotografia. Por *studium* Barthes definiu aquelas fotografias que, de certo modo, não nos pungem, mas podemos lê-las, decodificá-las, como por exemplo, as fotografias jornalísticas, contendo um interesse geral e não particular. O interesse particular foi denominado de *punctum*, fotografias que nos tocam, ou seja, um detalhe na foto que chama atenção de nosso olhar. São fotografias de *studium*, seguindo o pensamento barthesiano, que serão tomadas aqui como *corpus* de análises, fotografias que podemos ler semioticamente, pois estas fotografias são como índices que, postas frente ao texto, código verbal, se colocam também como discurso. Fotografia que se faz linguagem pela relação imagem/texto.

Se entendermos um signo como um duplo, pois ele representa algo, imagens sempre serão “mediações entre o homem e o mundo” (SANTAELLA, 1997, p.131). Das tricotomias peirceanas, as categorias de ícone, índice, símbolo são as principais para o filósofo, sendo ícone um signo que mantém relação por analogia com o objeto; índice o que mantém uma relação direta com o objeto; símbolo o que mantém uma relação convencional com o objeto. Assim como as imagens eram estabelecidas como *hipoícones* para Peirce, as fotografias eram “exatamente como os objetos que representavam” (PEIRCE, 2008, p.65).

Nessa relação da imagem com aquilo que ela se refere que esta assume um caráter indexal, isto é, traz em si o referente. Na trilha de Peirce, Philippe Dubois (1993) sintetizará o discurso fotográfico e aproximará a fotografia da categoria de índice peirceana. A partir de sua obra *O Ato Fotográfico* (1993) observamos a trajetória dos discursos sobre a fotografia que partem do que Peirce concebeu como *aqui-e-agora* de uma qualidade (PEIRCE, 2008) que constitui a experiência. Dubois nomeia os percursos da fotografia como a) espelho do real, isto é, mimética, no campo da similaridade, um *analogon* ou para a epistemologia peirceana, um ícone; b) transformação do real, determinada culturalmente, onde um determinado conjunto de códigos age sobre ela, ou seja, a foto é um símbolo; c) traço do real, assinalando a sua relação com o referente, onde ela atesta e estabelece, assim, uma relação de contigüidade com o objeto. As imagens fotográficas, em sua maioria, mantêm relação direta com o objeto, estabelecendo uma conexão física, para, depois da singularidade – e

ao mesmo tempo –, assumir um caráter de sintaxe, qualissigno ou ícone. Fotografia como singularidade, pois, assim como um índice peirceano, ela certifica, ratifica, atesta. É só na fotografia que “a conexão entre imagem e objeto é existencial” (SANTAELLA, 1997, p.148).

Neste trabalho, a imagem fotográfica tanto dialoga quanto apresenta o texto. Nas premissas de que o mundo é regido de signos, textos, imagens, é correto afirmar que as imagens mediam a relação homem/mundo, assim, estaremos frente à problematização da escrita que não significa diretamente o mundo, mas o faz através de imagens (FLUSSER, 1985), pois é a escrita que sempre leva a um ícone primeiro (PEIRCE, 2008), que explica imagens. Na urgência de uma filosofia da fotografia, Vilém Flusser (1985) propõe um embate entre texto e imagem em que esta, enquanto superfície sobre a qual age o golpe da visão, ultrapasse o texto. “Embora textos expliquem imagens a fim de rasgá-las, imagens são capazes de ilustrar textos, a fim de remagicizá-los” (FLUSSER, 1985, p.8). Para Flusser (1985), ontologicamente “as imagens imaginam o mundo e as imagens técnicas imaginam textos que imaginam o mundo” (Op. cit., p.19). Traz, assim, a discussão arte e ciência, como os textos surgiram no momento da crise das imagens e como as imagens aparecem na crise dos textos, pois cabe à fotografia (imagem técnica) remagicizar os textos (FLUSSER, 1985).

Com isso, a imagem fotográfica possibilita um tornar imaginável o texto. No jornal, o texto não explicará a imagem, mas é a imagem que ali ilustra e antecede-o, imagem que tem sua base carregada de valores na codificação do mundo. E o texto “só é texto no curioso sentido de ser pré-texto da fotografia. Tal inversão da relação ‘texto-imagem’ caracteriza a pós-indústria, fim de todo historicismo” (FLUSSER, 1985, p.31).

Assim, “a fotografia é, ao mesmo tempo e sempre, ciência e arte, registro e enunciado, índice e ícone, referência e composição, aqui e lá, atual e virtual, documento e expressão, função e sensação” (ROUILLÉ, 2009, p.197). Assim como a ciência, “a fotografia renuncia ao infinito pelo finito e atualiza o virtual em um estado das coisas” (ROUILLÉ, 2009, p.200).

No rol do plano ciência/arte, que se arrasta desde a história da fotografia (cf. BARTHES, 1984; DUBOIS, 1993), a fotografia vai até seu grau zero face à exterioridade, ao mundo físico, onde a “aparente objetividade das imagens técnicas é ilusória” (FLUSSER, 1985, p.10). Ilusória porque a imagem fotográfica não pode ser considerada “como uma reprodução de um original preexistente a ela” (ROUILLÉ, 2009, p.201). A imagem não deve estar a serviço da objetividade, muito menos



dependente da subjetividade do fotógrafo, mas sim do ponto de vista. Assim, se a “câmera não é nunca passiva diante de seu objeto” (MACHADO, 1984, p.54), a imagem, enfim, transfigurará o mundo.

Assim, é a partir do discurso fotográfico, de seu caráter indexal e de sua referencialidade que podemos observar como os veículos jornalísticos lidam com a imagem, como manifestam seu ponto de vista perante o signo fotográfico e como essa fotografia – submetida a um critério de seleção de imagens – pode se relacionar com o seu objeto e imaginar o texto. Só assim, atento aos paradigmas da imagem, que o veículo jornalístico, bem como o repórter, pode ter um amplo olhar frente à utilização da imagem fotográfica.

3 A UTILIZAÇÃO DA FOTOGRAFIA ATRAVÉS DA PERSPECTIVA DOS PORTAIS INFONET E EMSERGIPE.COM

A reflexão crítica sobre a utilização da fotografia no jornalismo é proveniente das discussões e estudos conceituais sobre o tema, realizadas nas reuniões do grupo de pesquisa do Pibic “Ciência na Mídia”. Durante todo o ano de 2010, os membros do grupo, formado por alunos do curso de Comunicação Social da Universidade Federal de Sergipe, levantaram dados suficientes para a produção de um artigo científico⁵ que tinha o objetivo de analisar como a produção fotográfica era utilizada para o rápido entendimento das notícias científicas presentes nos dois maiores portais de conteúdo sergipanos, o Infonet e Emsergipe.com.

Para o levantamento de dados, foi elaborada uma ficha analítica contendo os principais elementos discriminados nas matérias jornalísticas – como descrição das imagens, créditos e legendas das fotos, principais fontes utilizadas, produção das notícias pelo próprio site, tipo de linguagem usada nos textos, comentários dos leitores e apresentação de elementos de destaque. A observação foi seguida criteriosamente durante todo o mês de junho de 2010, sendo que em seguida os dados analisados foram quantificados e devidamente classificados.

Depois de cumprida esta análise preliminar, a próxima etapa da pesquisa consistiu na elaboração de um roteiro de entrevistas junto aos editores responsáveis por cada site, durante os meses de outubro e novembro de 2010. O objetivo era compreender como cada veículo trabalhava o material de conteúdo científico publicado,

⁵ Material possível de ser visto, acessando o link: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2010/resumos/R5-1164-1.pdf>



considerando tanto a questão textual quanto a questão imagética. As considerações e análises observadas no projeto anterior também serviram de base para a confecção do roteiro de entrevistas.

Três etapas conduziram a sequência de perguntas do questionário: a primeira procurou investigar de que forma os textos científicos são apresentados, a partir dos critérios de seleção, interesse, linguagem e fontes utilizadas por cada veículo. A segunda buscou compreender o uso do conteúdo imagético, sob os aspectos dos critérios de escolha, das formas de identificação, da relação das imagens com o produto textual e do emprego dos elementos visuais na composição das páginas dos sites. Já a terceira etapa foi direcionada para itens específicos de cada site, apontados na pesquisa realizada no ano passado. Abaixo se encontram os questionamentos que compunham as dúvidas investigadas pelo questionário e os argumentos apresentados pelos profissionais dos respectivos veículos:

3.1 A apresentação dos textos nas matérias científicas dos sites

3.1.1 Os critérios de seleção

Em geral, as pautas selecionadas para o portal Infonet são voltadas para o conteúdo factual, relacionadas ao cotidiano do Estado de Sergipe. A exploração de temas voltados para a perspectiva científica acontece com as chamadas ‘matérias especiais’ que possuem uma abordagem mais aprofundada e utilizam termos técnicos ou científicos no texto. A sugestão dos temas para as ‘matérias especiais’ fica a cargo do próprio repórter que, aliás, também tem o poder de decisão sobre qual editoria do site receberá este tipo de publicação. Somente algumas vezes, a editora do portal, Raquel Almeida, indica a editoria que será contemplada com este tipo de matéria e um repórter espontaneamente se disponibiliza para produzi-la. A preferência sempre é por temas de grande relevância na mídia ou relacionados a um assunto bastante comentado entre o público.

No site Emsergipe.com, as matérias selecionadas para o portal são focadas em assuntos atuais e de grande repercussão no público, seja por sua relevância ou pelo despertar da curiosidade que as informações venham trazer. Não existe um tratamento diferenciado para definir qual conteúdo da área de ciência, tecnologia ou outra editoria o portal irá usar. Apesar da equipe do portal estar enquadrado sob a marca da Rede Globo, não significa dizer que há uma definição rígida da linha editorial e matérias que entram



para o portal. As regras são todas definidas pela equipe local. O conteúdo trabalhado no site não é exclusivamente voltado para os assuntos locais, mas ele também se volta para o âmbito nacional e internacional. Para eles, o interessante é mostrar para as pessoas o que acontece em Sergipe, mas sem focar demais neste tipo de abordagem.

3.1.2 Interesse pelo conteúdo:

No Portal Infonet, o interesse prevalece para as matérias de ordem factual. Por isso, as notícias de caráter científico demandariam um tempo de elaboração que poderia prejudicar a cobertura das matérias factuais. Segundo a editora do portal, o interesse pelo jornalismo científico será gradual e atenderá a demanda de crescimento da empresa. Não há separação dos repórteres por editorias, então é natural que alguns procurem realizar matérias a partir do interesse particular que demonstrem sobre determinado assunto ou área temática.

No Emsergipe.com, mais uma vez o aspecto factual prevalece nos tipos de matérias publicadas no site. Para as matérias de ordem científica, criou-se a editoria específica de ‘Ciência e Tecnologia’, pois a equipe do portal não tem mais como abranger e aprofundar este tipo de conteúdo dentro dos seus outros canais. O material científico publicado é considerado como matéria de conteúdo ‘frio’, já que não aborda o cotidiano, o ‘quente’ do jornalismo. Justamente por esta característica, este tipo de conteúdo aparece com grande dificuldade na redação. Para contornar este problema, o portal utiliza bastante a reprodução de notícias feitas por agências de notícias ou outros sites voltados para a produção científica.

3.1.3 Linguagem explorada

A predominância de matérias factuais no site Infonet não permite a exploração de linguagens mais rebuscadas ou técnicas dentro das matérias. A única diferença fica com as matérias consideradas ‘especiais’ que, algumas vezes, mostram expressões de cunho científico ou fazem uso de dados estatísticos.

Para o portal Emsergipe.com, a linguagem mais usada nos textos recorre aos aspectos da factualidade, do cotidiano. Até as matérias mais consideradas de ordem científica, a prioridade é usar expressões simples e sem muito rebuscamento. Agora, segundo informações da editora, quando há a repetição de matérias já publicadas, os repórteres tomam o cuidado de retirar os elementos que demonstrem a factualidade da notícia como data, verbos com indicação futura e outros elementos.

3.1.4 Fontes utilizadas

Apesar de o portal Infonet ser procurado por especialistas, existe uma lista com as fontes mais contatadas pelo site para a realização de matérias sobre um determinado assunto. O Infonet sempre tenta viabilizar a mudança de fontes, como forma de garantir uma maior pluralidade de vozes nas notícias. Embora, é comum a preferência por determinados tipos de entrevistados, pelo fato deles não abuserem da utilização de termos técnicos e científicos que possam atrapalhar a compreensão direta e simples do trabalho do jornalista.

Preferencialmente, o site Emsergipe.com possui um conteúdo científico proveniente de outros sites. Em especial, o portal retira o seu conteúdo do site nacional ao qual está afiliado, a Globo.com. Apesar de ser um veículo afiliado, o portal tem a liberdade de reproduzir o conteúdo de outros sites, desde que todas as fontes sejam respeitadas. Quando o próprio repórter do Emsergipe.com assina a matéria e coloca o indicativo de que o texto possui informações de algum outro veículo de comunicação, significa que pequenas mudanças foram feitas na matéria (mudança de título, ordem das informações, etc.). Mas no geral, o conteúdo central da matéria é totalmente baseado no site usado como fonte.

3.2 A apresentação das imagens nas matérias científicas dos sites

3.2.1 Critério de escolha das imagens

No portal Infonet, a preferência é pelo uso de imagens de arquivo. A explicação para tal fato é que não existem repórteres fotográficos na empresa e, por isso, o próprio jornalista faz o registro fotográfico de suas matérias. Além disso, muitas vezes as matérias são feitas por telefone, sem o contato presencial com o entrevistado. Sem contar que as matérias de assuntos gerais (sem foco sobre um ponto específico) reforçam o uso das imagens de arquivos. A seleção das fotos de cada matéria é realizada pelo próprio jornalista que a produziu.

No Emsergipe.com, qualquer pessoa está habilitada a fazer a inserção das imagens nas matérias. O jornalista escolhe a foto, repassa para alguém da equipe de tecnologia e o designer realiza o tratamento na imagem. Segundo a editora Joelma, o profissional tem o cuidado de relatar quais fotos foram usadas na composição das matérias, a fim de que não haja choque de imagens (usar a mesma imagem em matérias

diferentes). Para imagens retiradas de outros sites, a preferência é pelo uso de imagens que estejam em veículos reconhecidos nacionalmente.

3.2.2 Legendas e critérios de identificação das fotografias

Em geral, as fotos tiradas pelos repórteres do portal Infonet são creditadas com o nome do veículo. Não se coloca o nome de quem fez o registro fotográfico, só quando a imagem é muito expressiva e tem grande possibilidade de ser copiada por outro jornal. Imagens de arquivo, sem a identificação do local retirado, são usadas uma única vez no site. No caso das legendas, elas são utilizadas nas imagens que retratam objetos específicos do texto. Raramente, fotos relacionadas a conteúdos gerais recebem legendas. As legendas presentes no portal são curtas, em apenas uma ou duas linhas.

No Emsergipe.com, a responsabilidade de inserir o crédito nas fotos e colocar a imagem no ar é do jornalista. Todos os repórteres fazem a fotografia e lidam com a edição das imagens e vídeos. Matérias com os créditos ‘imagens de divulgação ou ilustração’ significam que as fotos foram retiradas de um banco de dados de outros sites. Isto ocorre quando o portal não apresenta uma imagem de arquivo satisfatória para a composição da matéria. Segundo a editora Joelma Gonçalves, o site tem a preocupação de respeitar o nome do fotógrafo original, mesmo que seja necessário pagar por esta autorização, embora, ainda segundo a editora, seja prática comum no jornalismo o redirecionamento dos créditos para o site em que foi extraída a imagem, e não mais para o fotógrafo que fez a captura. Já com relação às legendas, só em algumas situações há a preocupação de usá-las. Na verdade, as legendas só são usadas quando as fotos estão no corpo do texto, ou seja, quando é uma matéria com um grande número de fotos. Agora, se é uma simples nota, o próprio sistema que gerencia o site não aceita este tipo de ação. Além disso, o sistema do Emsergipe.com não consegue colocar legenda na foto principal ou que está em destaque na matéria.

3.2.3 Utilização de elementos visuais na composição das matérias

O próprio repórter do Infonet faz a inserção de vídeos ou outros recursos visuais na matéria. Não existem profissionais especializados para esta função dentro do portal. Para as fotografias montadas - as que são consideradas mais elaboradas - são utilizados os recursos de um designer. O uso de infográficos acontece uma vez por mês e são confeccionados pelos designers gráficos. Segundo a editora, este material ajuda a

enriquecer o conteúdo das matérias de repercussão e que necessitam de uma melhor compreensão do público, como as de economia ou de saúde. O infográfico mais pontual, com a apresentação de números e elementos mais simples dentro do corpo da matéria, ainda não é utilizado na Infonet. O próprio repórter decide no momento de sua apuração se deve fazer ou não vídeos. Por média, são utilizados de cinco a oito vídeos no portal que são filmados com câmeras e aparelhos simples, comprometendo a qualidade de visualização do material. Geralmente opta-se pelo descarte deste uso, já que a demanda é grande para uma equipe pequena. Além disso, verificou-se que o número de acessos aos vídeos do site é baixo.

Os jornalistas usam e editam os conteúdos dos vídeos publicados no Emsergipe.com. Dentre os recursos visuais, as imagens ainda são os itens mais explorados no portal. O uso dos vídeos é limitado, devido aos problemas de navegabilidade dos usuários. Nem sempre a utilização de vídeos nas matérias - em formato ao vivo ou gravado - deve-se ao fato de este material ser indispensável para a compreensão do conteúdo apresentado nos textos. Na verdade, os vídeos mostram-se mais como elementos adicionais ao que está sendo exposto nas páginas.

3.2.4 Relação da imagem com o conteúdo textual

Na *home* do portal Infonet ficam dispostas três imagens na parte superior e duas fotos na parte inferior. Segundo a editora responsável pelo veículo, Raquel Almeida, o site não possui muito espaço para fotos, porém avalia que, de vez em quando, as imagens ajudam a deixar o leitor curioso para ler a matéria. Ainda segundo Raquel, quando aparece uma foto impactante seguida de um título impactante, é muito mais provável que o leitor seja atraído para a leitura do texto. O site está em processo de mudança de *layout* e novas configurações para o uso de imagens no portal serão estudadas.

Para a editora do Emsergipe.com, Joelma Gonçalves, a imagem é importante para a antecipação da notícia. Muitas vezes, a partir de um determinado contexto, só com a própria imagem é possível que o espectador compreenda a história inteira. Embora, às vezes o Emsergipe.com não possua a imagem, ele tenta por outros mecanismos relatar a história contada, mas compreendendo que pela apresentação visual alguns aspectos poderiam ser mais facilmente relatados.



3.3 Questões específicas de cada portal quanto ao uso do conteúdo imagético

3.3.1 Site Infonet

O banco de imagens do portal facilita a inserção do conteúdo imagético de determinadas editorias. Para as matérias de ‘pauta fria’ há uma predileção para o uso deste tipo de recurso. São organizadas listas de imagens para cada editoria, sendo que os profissionais dão preferência ao uso das fotos destas listas, mesmo que elas coincidam com imagens já postadas em matérias diferentes da mesma editoria. Para as matérias factuais, prefere-se o uso de fotos realizadas no local do fato noticiado. As matérias retiradas de assessoria (releases) que não possuem imagens, o portal se encarrega em colocar alguma foto que faça menção ou dê uma contextualização ao que a matéria expressa.

As imagens de conteúdo mais impactante ou que chamam a atenção do público pelo seu forte conteúdo podem sofrer alterações, se for consensual da equipe do portal que haja esta alteração. Com relação ao número de comentários, a editora confirma que a composição imagética serve para reforçar o que é apresentado no texto. Este fato é evidenciado se observamos o número de acessos e comentários que aumentam consideravelmente.

3.3.2 Site Emsergipe.com

Segundo informações da própria editora, a substituição de imagens por outras pode ser por diversos critérios: devido a uma foto ser mais atual que a anterior, foto com qualidade melhor, ou ainda por ser uma foto que exprima melhor o contexto do qual a matéria se refere. Ainda segundo Joelma, os comentários das matérias têm mais relação com o impacto da apresentação do conteúdo dos textos, do que exatamente com a apresentação visual das matérias. Apesar de a fotografia possuir um apelo visual interessante, nem sempre as matérias com fotografias conseguem atrair a atenção dos leitores e fazer com que eles comentem.

Pode-se dizer que, a fotografia e o assunto das matérias estão equiparados quanto ao fato de chamar a atenção do público. Embora, o apelo ao assunto pareça ser mais atraente do que outros aspectos. Para suprir a falta de imagem, é comum o site usar letras mais destacadas em formato negrito e com o tamanho um pouco maior que o habitual.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dos discursos proferidos pelos editores dos portais Infonet e Emsergipe.com, fica possível compreender como cada empresa utiliza o conteúdo imagético veiculado, identificando a relação que a equipe de jornalistas estabelece em relação à importância da fotografia para a compreensão do produto textual. A ênfase em analisar o material fotojornalístico de veículos locais serve como instrumento de apoio didático-pedagógico na formação de pesquisadores e estudantes de Jornalismo ligados à área. Dessa forma, será possível fomentar novas perspectivas e olhares no meio profissional, como também orientar novos pesquisadores que acompanharão a evolução do fotojornalismo no âmbito local.

A falta de jornais especializados no Estado para a área de divulgação científica mostra a carência de profissionais voltados especificamente para a produção deste tipo de conteúdo. No caso dos portais Infonet e Emsergipe.com, não existe um tratamento diferenciado para as notícias de cunho científico, já que a premissa básica dos veículos é direcionarem seu conteúdo para notícias factuais e com abordagens menos aprofundadas.

Como já constatado na pesquisa anterior, a maioria das matérias científicas dos portais são obtidas por outros canais de comunicação e, segundo explicações dos editores, isso acontece porque o interesse na área vem crescendo gradualmente, além do fato de as matérias científicas exigirem um nível de aprofundamento e pesquisa que o corpo de jornalistas não consegue realizar satisfatoriamente, por falta de tempo e logística da própria estrutura dos veículos.

Ambas as empresas apontaram a falta de profissionais especializados na função de fotojornalista. Para o portal Infonet, o impacto desta questão acarreta a predileção por fotos de arquivos do próprio sistema ou retiradas de outros veículos, além do fato de as matérias não possuírem uma identificação mais plausível do fotógrafo que realizou a captura. No Emsergipe.com, a falta destes profissionais sinaliza uma provável explicação do motivo de grande parte das matérias científicas não apresentarem nenhum tipo de composição fotográfica (segundo índice da pesquisa anterior representa 89,2%).

Já a respeito da inserção de elementos visuais, mais uma vez tudo fica a critério dos próprios jornalistas que são responsáveis pela montagem desse tipo de material. Justamente pela sobrecarga de tarefas, fica explicado o porquê, durante o mês observado na análise do ano passado, de não ter ocorrido nenhuma inserção deste tipo de material



no site da Infonet e somente uma inserção de vídeo no Emsergipe.com. Só nas seções de infográfico, do site Infonet, é que existe um designer especializado para tal tarefa, mas nem sempre o conteúdo deste material destina-se à produção de matérias científicas.

A relação entre imagem e conteúdo textual é apontada como algo importante, por ambos os veículos. Eles possuem uma opinião consensual ao afirmarem o quanto a fotografia pode realmente antecipar e indicar ao leitor o tipo de conteúdo apresentado nos textos. Porém, mesmo denotando a importância deste conteúdo, o Infonet utiliza semelhantes fotos para matérias com teor diferente, pois classifica as fotos segundo um banco de dados específico por editoria, e não segue um tratamento diferenciado para cada imagem, relacionando-a para um conteúdo textual exclusivo. Já o Emsergipe.com afirma que, mesmo acreditando nessa relação, avalia que o maior apelo atrativo para o leitor consiste na essência do texto. Por isso, a mudança de fotos e reposicionamento de matérias, ou ainda, o uso de fontes maiores para suprir a falta de imagens são destacados como procedimentos normais e justificáveis dentro da rotina profissional.

A primeira análise de dados (em junho de 2010) e a realização do roteiro de entrevistas (entre outubro e novembro do ano passado) finalizaram as considerações pretendidas pelo grupo de pesquisa do Pibic “Ciência na Mídia”, no que se refere à análise dos dois maiores portais de notícia de Sergipe, sobre a utilização da fotografia na divulgação da ciência e tecnologia. Os desdobramentos desse trabalho permitiram a investigação de novos *corpus* de estudo, dentro da mídia sergipana, tomando ainda como parâmetro a relação fotografia e texto do jornalismo científico.

Os procedimentos metodológicos para o novo projeto (elaboração de uma ficha analítica e a futura realização de um roteiro de entrevista) foram mantidos, contudo a mídia utilizada como objeto de análise consistiu nos jornais impressos sergipanos, Jornal da Cidade e Cinform. Esse novo trabalho mostra-se complementar ao primeiro, já que apresenta uma perspectiva similar do campo do jornalismo científico e da prática fotojornalística, agora focado nas rotinas profissionais das redações dos meios impressos locais.



REFERÊNCIAS

BARTHES, Roland. **A câmara clara**: nota sobre fotografia. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

DUBOIS, Philippe. **O ato fotográfico**. Campinas: Papirus, 1993.

FLUSSER, Vilém. **Filosofia da caixa preta**: ensaios para uma futura filosofia da fotografia. São Paulo: Hucitec, 1985.

IBRI, Ivo. **Kósmos Noétós**: a arquitetura metafísica de Charles Sanders Peirce. São Paulo: Perspectiva, 1992.

MACHADO, Arlindo. **A ilusão especular**: introdução à fotografia. São Paulo: Brasiliense, 1984.

OLIVEIRA, Fabíola de. **Jornalismo científico**. São Paulo: Contexto, 2002.

PEIRCE, Charles S. **Semiótica**. São Paulo: Perspectiva: 2008.

PIGNATARI, Décio. **Semiótica e literatura**. São Paulo: Perspectiva, 2004.

ROUILLÉ, André. **A fotografia**: entre documento e a arte contemporânea. São Paulo: SENAC-SP, 2009.

SANTAELLA, Lucia; NÖTH, Winfried. **Imagem**: cognição, semiótica, mídia. São Paulo: Iluminuras, 2001.

SANTAELLA, Lucia. **O projeto de pesquisa e seus passos**. São Paulo: Hacker Editores, 2001.

SILVA, Tatiana Baptista. **Entraves do jornalismo científico**. São Cristóvão, SE: trabalho de conclusão de curso – UFS, 2003.

SONTAG, Susan. **Sobre a fotografia**. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2004.

SOUZA E SILVA, Wagner. Entre fotografia científica e a ciência da fotografia. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**. São Paulo, nº 17, pgs. 435-444, 2007.